

**“EXPANSÃO DA FÉ E PROTEÇÃO ESPIRITUAL”:
o papel dos clérigos no sentido cruzadístico da conquista de México-Tenochtitlán
(1519-1521)**

Guilherme Queiroz de Souza¹
Mestrando em História da UFSJ
E-mail: guilhermehistoria@yahoo.com.br

Resumo:

Este artigo analisa o sentido cruzadístico das práticas religiosas dos clérigos que participaram da conquista de México-Tenochtitlán (1519-1521). Tais práticas eram centradas no duplo desejo de expandir a fé cristã, ao mesmo tempo em que preparavam espiritualmente os *conquistadores* para as batalhas. Para tanto, utilizei como fontes os relatos de alguns “soldados-cronistas” que participaram da expedição ao lado dos clérigos, principalmente a *Historia verdadera*, de Bernal Díaz del Castillo (c. 1492-1584).

Palavras-chave: conquista de México-Tenochtitlán – triunfo cristão – ações cruzadísticas dos clérigos – clérigos pioneiros

Abstract:

This article analyzes the crusade sense of the religious practices by the clergymen who participate of Mexico-Tenochtitlan conquest (1519-1521). Such practices were centered in the double wish of expanding the Christian faith, at the same time in which they were preparing spiritually the *conquistadores* for the battles. For this, I utilized as sources the reports of some “chroniclers-soldiers” who participated of the expedition together with the clergymen, principally the *Historia verdadera*, of Bernal Díaz del Castillo (c. 1492-1584).

Keywords: México-Tenochtitlán conquest – Christian triumph – crusade clergymen actions – pioneers clergymen

¹ Bolsista (Capes/Reuni) da UFSJ. Orientador: Prof. Dr. Moisés Romanazzi Tôrres.

Introdução:

A atuação dos religiosos cristãos ao longo da conquista de México-Tenochtitlán (1519-1521) tem sido discutida e avaliada por diversos pesquisadores. Alguns historiadores como Carmen Bernand e Serge Gruzinski (2001, p. 313-353) não deram muita importância às ações precoces dos principais representantes da Igreja: Bartolomé de Olmedo, Juan Díaz e Pedro Melgarejo de Urrea. Outros, no entanto, valorizaram o trabalho desses pioneiros, destacando a obra espiritual que realizaram durante o processo de conquista (THOMAS, 1994, p. 185; RICARD, 1986, p. 75-82).

As práticas religiosas desses clérigos no campo de batalha seguiam essencialmente a tradição empregada na guerra de Reconquista da Hispânia. A celebração da primeira missa, a colocação da primeira cruz, e o batismo do território eram responsabilidades desses clérigos. Além dessas tarefas, os religiosos auxiliavam psicologicamente os conquistadores (exortação, absolvição, preces), e contribuía na “expansão da fé cristã” (conversões pelo batismo).

A problemática inicial: a edição da obra *Historia verdadera*, de Bernal Díaz:

Antes de examinarmos as ações cruzadísticas dos clérigos é fundamental assinalar um problema teórico-metodológico em uma fonte apreciada. Tal armadilha perseguiria a análise geral caso adotasse a primeira edição da *Historia verdadera*, de Bernal Díaz, obra parcialmente editada pelo mercedário Alonso Remón (1561-1632).

O principal empecilho foi a alteração que a *Historia verdadera* sofreu entre a morte de Remón (início de 1632) e a publicação da mesma (fim de 1632). Segundo León Cázares, após o falecimento deste editor, o frei Gabriel Adarzo y Santander (1596-1674), sucessor de Remón no processo editorial e também membro da Ordem das Mercês,² realizou

² A Ordem Real e Militar de Nossa Senhora das Mercês da Redenção dos Cativos ou, simplesmente, Ordem de Nossa Senhora das Mercês é uma ordem religiosa fundada em Aragão (1218) em conjunto pelo rei Jaime I, o *Conquistador* (1208-1276), Pedro Nolasco (1189-1256), e Raimundo de Penaforte (c. 1175-1285). O principal propósito da Ordem era libertar os cristãos prisioneiros dos mouros. Segundo Alain Demurger, esta Ordem, “na qual cavaleiros e clérigos estavam associados, foi considerada, erroneamente (...), uma Ordem militar, tendo sido reconhecida como tal em 4 de abril de 1245 pelo papa Inocêncio IV” – DEMURGER, Alain. **Os cavaleiros de Cristo: As ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 133. A Ordem seguia a regra de Santo Agostinho e foi uma das primeiras a chegar ao Novo Mundo.

modificações com o intuito de destacar os feitos do mercedário que acompanhava a expedição de Hernán Cortés (c. 1485-1547), o frei Bartolomé de Olmedo (c. 1481-1524). Tal alteração é chamada pelos historiadores de “interpolação mercedária” (LEÓN CÁZARES, 2004, p. 210-211).



Frontispício da primeira edição da *Historia verdadera*, de Bernal Díaz. Dois personagens se destacam nessa cena: Hernán Cortés (à esquerda), sob uma placa onde está escrito em latim *MANV* (à mão, “por meio de atos”), e o frei Bartolomé de Olmedo (à direita), abaixo da palavra *ORE* (“pela palavra”). De acordo com Matthew Restall, a intenção do mercedário que editou a obra e ilustrou o frontispício (possivelmente Alonso Remón), era indicar que o papel de conversão realizado por Olmedo foi tão importante quanto o de Cortés e dos conquistadores (RESTALL, 2006, p. 232). Figura 19.

Para exemplificar uma interpolação que atingiu justamente o *objeto* desse artigo, ou seja, o sentido cruzadístico das práticas dos religiosos, destaquei uma passagem da *Historia verdadera*: durante uma batalha contra os nativos, Bernal Díaz teria ouvido o seguinte encorajamento de Olmedo aos conquistadores “*que peleasen con intención de servir a Dios*

y extender su santa fé, que él les ayudaria” (DÍAZ DEL CASTILLO, 1947, p. 220 *Apud* LEÓN CÁZARES, 2004, p. 216).

Isso não quer dizer que descartei a possibilidade de Olmedo exprimir essa idéia. Entretanto, essa foi mais uma alteração provocada posteriormente, modificações que são mais freqüentes a partir do capítulo 156, quando a narrativa se concentra nos eventos ocorridos após a queda de México-Tenochtitlán (LEÓN CÁZARES, 2004, p. 212), como a interpolação citada no parágrafo anterior.

Assim, a escolha da edição de 1632 acarretaria uma diferença substancial em algumas conclusões, já que em parte perderíamos o pensamento original de Bernal Díaz. Em virtude disso, me distanciei desse perigoso território, pois recorri a uma edição menos “contaminada” da *Historia verdadera*, que seguiu mais fielmente o pensamento de seu autor.³

A Ordem das Mercês e a presença de clérigos nos combates:

Registramos a participação de duas ordens religiosas na conquista de México-Tenochtitlán, em momentos distintos: a Ordem das Mercês desde 1519 e, a partir de 1520, a Ordem dos Franciscanos, representadas pelos seus respectivos clérigos. Primeiramente, chegaram Juan Díaz e o mercedário Bartolomé de Olmedo; depois, outro mercedário, Juan de las Varillas, e o franciscano Pedro de Melgajero (RICARD, 1986, p. 82).

A Ordem das Mercês era representada no Novo Mundo desde a segunda viagem de Colombo (1493). Em 1516, um ano após a Ordem receber do Papa Leão X (1513-1521) os mesmos privilégios das ordens mendicantes, o frei Bartolomé de Olmedo embarcou para Santo Domingo (LEÓN CÁZARES, 2004, p. 24). Nenhum documento registra

³ Até o início do século XX, todas as edições da *Historia verdadera* (quinze em castelhano) acompanharam basicamente o texto da primeira. Entretanto, a partir da publicação, em 1904, da edição feita por Genaro García, baseado no *códice guatemalteco* que estava em divulgação, esse quadro se modificou. Tal códice é um manuscrito que pertence à cidade de Santiago de Guatemala, um rascunho feito pelo próprio Bernal Díaz de sua obra. Com efeito, as edições que surgiram em seguida são mais dignas de crédito, pois foram realizadas sobre esse códice, documento que os pesquisadores confrontaram com a edição de Remón e encontraram várias diferenças. Na edição que utilizei, Editora Porrúa (1976), Ramírez Cabañas reproduziu o *códice guatemalteco* rigorosamente, letra por letra, retirando as abreviações. As lacunas do códice foram completadas com as outras edições (Remón), e com o manuscrito desconhecido que possuía José Alegria (*Verdadera Historia*). Para mais sobre essa trajetória, ver RAMÍREZ CABAÑAS, Joaquín. “**Introducción**”. In: DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia verdadera de la conquista de la Nueva España**. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1976, p. XI-XXXI.

precisamente quem, entre os dois clérigos – Olmedo e Díaz – ocupou o cargo de capelão da tropa. No entanto, a tradição da Ordem das Mercês, assim como a participação de outros mercedários como capelães de alguns conquistadores, indica que a ocupação dessa função por Olmedo não fosse surpresa (LEÓN CÁZARES, 2004, p. 27).

Outra discussão gira em torno do objetivo da Ordem das Mercês na expedição. Uma explicação é que só o fato de que alguns “espanhóis” desaparecidos pudessem ser resgatados justifica a presença de um mercedário na tropa (CASTRO SEONAE, 1958, p. 05 *Apud* LEÓN CÁZARES, 2004, p. 26). A razão disso é que tradicionalmente a Ordem tinha o propósito de libertar os cristãos escravizados pelos “infiéis”.

De fato, alguns cristãos viviam entre os nativos na Mesoamérica: “[o capitão] *supo el capitán que unos españoles estaban siete años había cautivos en el Yucatán, en poder de ciertos caciques*” (CORTÉS, 1971, p. 12). Logo no início da expedição, os conquistadores encontraram Jerónimo de Aguilar em Cozumel, que vivia (como escravo) na ilha; depois, tiveram notícias de outro desaparecido, Gonzalo Guerrero, que se encontrava entre os maias na costa do Yucatán. Ambos haviam sofrido um naufrágio em 1511, mas somente Aguilar decidiu se reintegrar ao mundo hispânico (imediatamente serviu como intérprete na tropa de Cortés), já que Guerrero enviou um recado dizendo que tinha filhos mestiços e era respeitado pela comunidade nativa.

A armada zarpuou de Cuba, mas já era costume incluir clérigos a bordo, principalmente se expedição tivesse saído de Castela. A partir de 1516, vigorava uma lei que determinava a obrigatoriedade de incluir pelo menos um religioso nas empresas, proclamação de um édito do cardeal Gonzalo Jiménez de Cisneros (1436-1517) (PIERRARD, 1983, p. 196).

A presença de religiosos nos exércitos não era um fato novo na tradição militar cristã ocidental. Desde 732, com o Concílio da Austrásia, permitiu-se aos clérigos acompanharem os exércitos francos como confessores e capelães, para carregar as relíquias e celebrar as missas (FLORI, 2003, p. 57). No entanto, a Igreja sempre condenou o porte de armas pelos religiosos, reprovação confirmada na Reforma Gregoriana (século XI) (FRANCO JÚNIOR, 1990, p. 166-167), mas essa proibição não era, na prática, respeitada. Os exércitos da Primeira Cruzada, por exemplo, para espanto dos bizantinos, estavam repletos de padres-soldados armados (RUNCIMAN, 2002, I, p. 86).

Tal tradição, apesar da oposição inicial da Igreja, se generalizou, pois no fim da Idade Média os próprios papas e bispos lideravam seus exércitos. No século XV, por exemplo, o cardeal Mendoza de Toledo lutou na batalha de Toro (1476) contra os portugueses, para assegurar o trono de Isabel, a *Católica* (FRANCO JÚNIOR, 1990, p. 166).

O sentido cruzadístico nas práticas dos religiosos: a *expansão da fé cristã e a proteção espiritual aos conquistadores*:

Os religiosos tinham, dentre outras funções, a importante missão de confessar a tropa e dar absolvição aos conquistadores, o que conferia um caráter sagrado à expedição. Os conquistadores acreditavam de que se antes de morrer confessassem seus pecados, por terríveis que eles fossem, a absolvição de um sacerdote os enviaria direto para o lado de Deus, onde receberiam a bem-aventurança eterna (FRIEDERICI, 1973, p. 351). Todos os “espanhóis” exigiam que a tropa levasse pelo menos um padre, pois a pior coisa que poderia ocorrer a um “bom cristão” do século XVI era morrer sem confissão (SALAS, 1988, p. 259). Bernal Díaz registra a prática da confissão logo nas primeiras campanhas:

como somos hombres y temíamos la muerte, muchos de nosotros, y aun todos los demás, nos confesamos con el Padre de la Merced [Bartolomé de Olmedo] y con el clérigo Juan Díaz, que toda la noche estuvieron en oír de penitencia, y encomendámonos a Dios que nos librase no fuésemos vencidos (DÍAZ DEL CASTILLO, 1976, Cap. 64, p. 111)

Embora a prática que concedia as indulgências fosse criticada por Martinho Lutero (1483-1546) na mesma época, pois eram vendidas pelos clérigos deliberadamente, essa tradição garantia o perdão dos pecados aos combatentes, que obteriam uma purificação imediata antes de alcançarem o “Reino dos céus”.

Na ilha de Cozumel (*Santa Cruz*), primeiro local aportado, os “espanhóis” perplexos com o culto maia, aconselharam aos nativos o abandono da idolatria e a adoção do cristianismo. Neste momento, Cortés ordenou a seus homens que destruíssem os ídolos indígenas e que colocassem no lugar cruzes e a imagem da Virgem Maria. Como nos informa Bernal Díaz, Cortés,

mandó llamar al cacique y a todos los principales, y al mismo papa, y como mejor se pudo dárselo a entender con aquella nuestra lengua, les dijo que si habían de ser nuestros hermanos que quitasen de aquella casa aquellos sus

ídolos, que eran muy malos y les hacían errar, y que no eran dioses, sino cosas malas, y que les llevarían al infierno sus ánimas. Y se les dio a entender otras cosas santas y buenas; y que pusiesen una imagen de Nuestra Señora que les dio, y una cruz, y que siempre serían ayudados y tendrían buenas sementeras, y se salvarían sus ánimas” (DÍAZ DEL CASTILLO, Cap. 28, p. 45).

Antes de partirem da ilha, “*dijo misa el Padre Juan Díaz, y el papa [sacerdote] y cacique y todos los indios estaban mirando con atención*” (DÍAZ DEL CASTILLO, Cap. 27, p. 45). As cerimônias religiosas acompanhavam a expedição em muitos momentos, tradição demonstrada quando os “espanhóis” partiam para o campo de batalha sempre depois de “*haber oído misa con devoción*”.

Assim como na Reconquista, as missas diárias e matinais na conquista de México-Tenochtitlán eram de suma importância, ainda mais porque os mexicas e a maioria dos nativos evitavam guerrear à noite (THOMAS, 1994, p. 550). A razão disso é que os cristãos, que se consideravam os “filhos da luz”, acreditavam que o brilho do sol simbolizava um novo tempo, precursor da época na qual a “verdadeira fé” triunfaria perante as trevas da idolatria.

Na perspectiva medieval, a batalha também era entendida como um raio de luz que dispersa a escuridão, ou seja, que demarca o fim de um tempo maligno e o nascimento do tempo do Cristo triunfante (DUBY, 1993, p. 165; COSTA, 2004). Segundo Bernal Díaz, muitos conquistadores “*murieron aquella crudelísima muerte por servir a Dios y a Su Majestad, y dar luz a los que estaban en tinieblas (...)*” (DÍAZ DEL CASTILLO, 1976, Cap. 210, p. 584).

Ao participarem de um sacramento fundamental do cristianismo, a Eucaristia, os conquistadores recebiam o *corpo de Cristo* propriamente dito. De fato, considerada a única “reliquia” genuinamente legítima de Jesus, a Eucaristia é adorada como o corpo e o sangue presentes do Cristo, sob as aparências do pão e do vinho (SCHMITT, 2006, I, p. 314). Essa cerimônia, obrigação de todo “bom cristão”, serviu também como recurso para impressionar os nativos e o vinho era essencial para sua realização:

en dos días teníamos nuestra iglesia hecha y la santa cruz puesta delante de los aposentos, y allí se decía misa cada día hasta que se acabó el vino, que como Cortés y otros capitanes y el fraile estuvieron malos cuando las guerras de Tlaxcala, dieron prisa al vino que teníamos para misas, y después que se acabó cada día estábamos en la iglesia rezando de rodillas delante del altar e imágenes; lo uno, por lo que éramos obligados a cristianos y buena costumbre, y lo otro, porque Montezuma y todos sus capitanes lo viesan y se inclinasen a ello,

y porque viese el adorar y vernos de rodillas delante de la cruz, especial cuando tañíamos el Avemaría (DÍAZ DEL CASTILLO, 1976, Cap. 93, p. 177)

Já no século XI a Eucaristia era recebida antes de uma batalha como algo que aumentava as chances de vitória (FRANCO JÚNIOR, 1990, p. 60). A preparação espiritual para a guerra santa era de suma importância para os guerreiros cristãos antes de lutarem em nome de Cristo, pois o perdão divino só era concedido aos que combatessem com o coração puro. O triunfo apenas era alcançado se eles estivessem de corpo e alma com o *Salvador*.

Desde a Idade Média, principalmente a partir do século XI, as batalhas eram antecedidas por muitas práticas: procissões, confissões, esmolas, jejuns, penitências, orações e invocações que imploraram o auxílio celeste (FLORI, 2005, p. 92). O medo impunha aos conquistadores grande ansiedade e receio, mas era logo dissipado pela prece e comunhão. Bernal Díaz admite que antes de entrar nas batalhas sentia “*tristeza en el corazón, y orinaba una vez o dos, y encomendándome a Dios y a su bendita madre (...) luego se me quitaba aquel pavor*” (DÍAZ DEL CASTILLO, 1976, Cap. 156, p. 372).

Em Tabasco, primeiro local aportado no continente, os “espanhóis” enfrentaram e venceram pela primeira vez os nativos, e esse confronto ficou conhecido como a batalha de Cintla (março de 1519). Essa foi uma das primeiras batalhas em que, curiosamente “*creyeron los indios que el caballo y el caballero eran todo uno, como jamás habían visto caballos*” (DÍAZ DEL CASTILLO, Cap. 34. p. 55). Após a vitória, em um *Domingo de Ramos*, os religiosos Bartolomé de Olmedo e Juan Díaz celebraram uma missa.

Logo depois, os “espanhóis” fundaram uma vila, e escolheram um nome cristão em homenagem à proteção que acreditavam terem recebido da Virgem Maria na batalha. Segundo Bernal Díaz:

dimos muchas gracias a Dios por habernos dado aquella victoria tan cumplida; y como era día de Nuestra Señora de Marzo llamósé una villa que se pobló, el tiempo andando, Santa María de la Victoria, así por ser día de Nuestra Señora como por la gran victoria que tuvimos (DÍAZ DEL CASTILLO, 1976, Cap. 34, p. 55)

A escolha de nomes cristãos para denominar os locais era comum naquele tempo, pois se remetia à “expansão da fé” (FRIEDERICI, 1973, p. 453) e a preferência era concedida aos nomes dos santos, principalmente aos do calendário. Além de Vera Cruz, podemos encontrar durante a conquista da América diversas cidades batizadas com nomes

religiosos, como, por exemplo, Nombre de Dios, Santiago, Santa Cruz, Espírito Santo, dentre muitas outras.

Os “espanhóis” receberam oferendas dos líderes indígenas derrotados, que incluíam vinte escravas. Elas foram as primeiras nativas batizadas da Mesoamérica. Entre elas existia uma que chamou a atenção de Cortés, e o capitão ordenou que o frei Olmedo a batizasse com o nome de Marina, a famosa “Malinche”.

Y el mismo fraile, con nuestra lengua, Aguilar, predicó a las veinte indias que nos presentaron muchas buenas cosas de nuestra santa fe, y que no creyesen en los ídolos que de antes creían, que eran malos y no eran dioses, ni más les sacrificasen, que las traían engañadas, y adorasen en Nuestro Señor Jesucristo (DÍAZ DEL CASTILLO, 1976, Cap. 36, p. 59)

A seguir, a tropa zarrou e chegou em terras sob o domínio mexica, onde Cortés tratou de fundar a vila de Vera Cruz. A fundação da vila, batizada em uma Sexta-feira Santa em memória da Paixão de Cristo, serviu como base de apoio aos “espanhóis”: “*Y luego ordenamos de hacer y fundar y poblar una villa que se nombró la Villa Rica de la Vera Cruz, porque llegamos Jueves de la Cena y desembarcamos en Viernes Santo de la Cruz*” (DÍAZ DEL CASTILLO, Cap. 42, p. 72).

Pelo caminho, o efetivo atravessou uma grande muralha de pedra seca que separava o território mexica da Tlaxcala, *altepetl* formado pela união de quatro centros nahuas – Ocotelolco, Quiahuiztlan, Tepecticpac e Tizatlan – independentes de México-Tenochtitlán, seu principal inimigo. Dois dos principais líderes tlaxcaltecas, Xicohtécatl Axayacatzin (1484-1521) e seu pai, Xicohtécatl, *o Velho* (†1522), comandante de Tepecticpac, foram contra a solicitação dos “espanhóis” que pediam para atravessar o território da Tlaxcala em direção a México-Tenochtitlán.

No desfiladeiro de Teocantzingo, os “espanhóis” foram atacados por milhares de guerreiros otomies, aliados dos tlaxcaltecas que formavam o grosso das fileiras. Nesse momento, os indígenas faziam “*muchos alaridos, gritos y voces que causaban en los que los oíamos muy gran temor y espanto, tanto que hubo muchos españoles que pidieron confesión*” (AGUILAR, 1988, p. 167). O resultado indefinido da batalha, a grande baixa de índios nesse dia e no seguinte, e a deserção por parte de algumas tropas tlaxcaltecas levou os dois lados a selar uma aliança (setembro de 1519).

O frei Bartolomé de Olmedo então realizou uma cerimônia religiosa na qual batizou

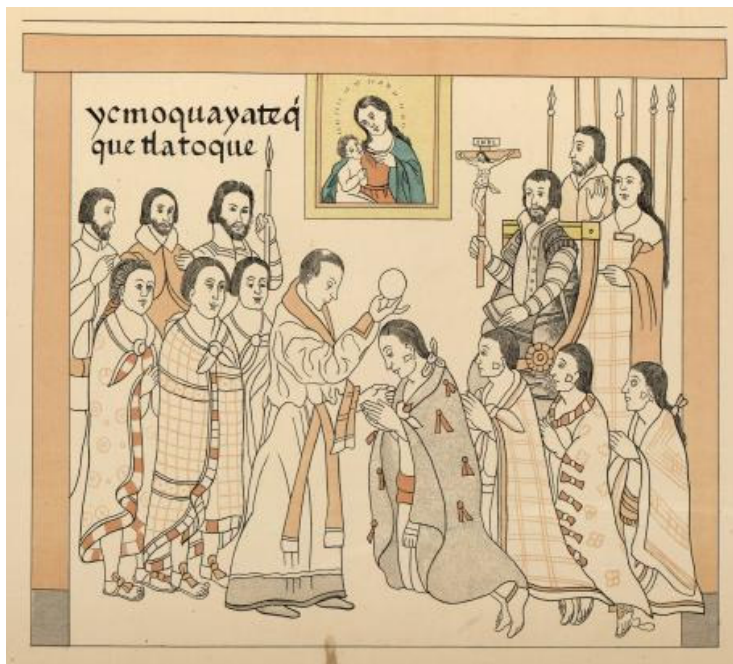
algumas filhas de Xicohtécatl, *o Velho*, e de outro importante governante da Tlaxcala, Maxixcatzin (†1520), líder de Ocotelolco. A conversão ao cristianismo é um sintoma da presença de uma mentalidade de cruzada. O objetivo missionário (conversão) era buscado principalmente pelos religiosos que acompanhavam a expedição, como foi registrado no caso do batismo de *Malinche*. A conversão dos índios prolonga e reproduz a dos muçulmanos de Granada, seu antecedente imediato (BASCHET, 2006, p. 27). Como nos informa Bernal Díaz, os “espanhóis” mandaram que os índios,

quitasen unos ídolos, y lo encalasen y limpiasen [o templo], para poner en ellos una cruz y la imagen de Nuestra Señora; lo cual luego hicieron, y en él se dijo misa, se bautizaron aquellas cacicas, y se puso nombre a la hija de Xicotenga el ciegp [Xicohtécatl, o Velho], doña Luisa; y Cortés la tomó por la mano y se la dió a Pedro de Alvarado (...) y las demás se pusieron sus nombres de pila y todas con dones (...) y después de esto hecho, se les declaró a qué fin se pusieron dos cruces (DÍAZ DEL CASTILLO, 1976, Cap. 77, p. 133)

Esta perspectiva, forte estímulo à evangelização do Novo Mundo, encontra base na Bíblia, o livro por excelência da Idade Média. O *Evangelho Segundo Marcos*, capítulo 16, versículo 15, registra: “*Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura*” (A BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1973, p. 1925). O capítulo 3, versículo 11, da *Epístola de Paulo Apóstolo aos Colossenses*, também contém tal idéia: “*Aí não há mais grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre, mas Cristo é tudo em todos*” (A BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1973, p. 2215).

Segundo a tradição tlaxcalteca, algum tempo depois o próprio Xicohtécatl e outros líderes se converteram ao cristianismo.⁴ O *Lienzo de Tlaxcala*, um manuscrito pictórico compilado pelos tlaxcaltecas em meados do século XVI, por exemplo, indica essa versão:

⁴ Como nos diz Hugh Thomas, a tradição indica que “los cuatro caciques principales de Tlaxcala – Maxixcatzin, Xicotencatl el Viejo, Citlalpopocatzin y Temilotecutl – [aceitaram] el batismo de manos de fray Juan Díaz, y a recibir el nombre de don Lorenzo, don Vicente, don Bartolomé y don Gonzalo, respectivamente” – THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*, p. 292.



No centro dessa lâmina do *Lienzo de Tlaxcala*, o presbítero Juan Díaz, segurando uma enorme hóstia, oferece o *corpo de Cristo* aos quatro líderes tlaxcaltecas ajoelhados em fila. Diversos símbolos religiosos cristãos compõem a cena, como a imagem da Virgem Maria com o menino Jesus (no centro, no alto), e a cruz carregada por Cortés (à direita, no alto). Três nativos e três “espanhóis” (à esquerda), possivelmente os padrinhos dos futuros índios convertidos, assistem a cerimônia. Lâmina 8, *Lienzo de Tlaxcala*. Imagem disponível no site da Universidad Autónoma de Nueva León em: <http://cdigital.dgb.uanl.mx/la/1080026177/1080026177.html>

Ainda que as fontes hispânicas não corroborem esse fato, encontramos no relato de Bernal Díaz apenas a conversão de Xicohtécatl ocorrida posteriormente. Nesse momento, quando Cortés,

procuró que se volviese cristiano, y el buen viejo de Xicotenga de buena voluntad dijo que lo quería ser, y con la mayor fiesta que en aquella sazón se pudo hacer en Tlaxcala le bautizó el Padre de la Merced y le puso nombre don Lorenzo de Vargas (DÍAZ DEL CASTILLO, Cap. 136, p. 283)

De qualquer forma, entendo a conversão como uma característica da mentalidade cruzada na medida em que essa prática ajudou a propagar a fé cristã, sendo que sua recusa pacífica implicava no uso da força.

Com o estabelecimento pacífico (novembro de 1519) dos exércitos da aliança hispano-tlaxcalteca dentro de Tenochtitlán, a capital mexicana, a preocupação dos religiosos, apavorados com as práticas sacrificiais, era substituir a idolatria pela fé cristã. Em um diálogo com o frei Bartolomé de Olmedo, Cortés demonstrou o desejo solicitar ao *tlatoani*

(governante) Montezuma, a construção de uma igreja dentro do “Templo Maior”, principal santuário mexica:

Pareceme, señor padre, que demos un tiento a Montezuma sobre que nos deje hacer aquí nuestra iglesia. Y el padre dijo que será bien, si aprovechase; mas que le parecía que no era cosa conveniente hablar en tal tiempo; que no veía a Montezuma de arte que en tal cosa concediese (DÍAZ DEL CASTILLO, 1976, Cap. 92, p. 173).

Nesse episódio, o mercedário demonstrou prudência, assim como manifestou em outras ocasiões quando não teve pressa em cristianizar os nativos até que eles compreendessem totalmente a palavra de Deus (DÍAZ DEL CASTILLO, 1976, Cap. 76, p. 132).

Desde o início da expedição, os “espanhóis” reaproveitaram os templos nativos, porém substituíram os ídolos pela imagem da Virgem Maria e pelas cruzes. A conquista religiosa consiste muitas vezes em retirar certas imagens e colocar outras em seu lugar, mas sem destruir os locais de culto (TODOROV, 1983, p. 58). Tal prática remontava aos tempos da Reconquista, quando, por exemplo, após a conquista de Málaga (1487) os “espanhóis” preservaram a mesquita-mor da cidade muçulmana e construíram santuários cristãos dentro da mesma. A tradição de destruir os ídolos nativos, de substituir os templos por igrejas, de praticar atos intolerantes em nome de Cristo já era realizada pelos cristãos ibéricos na Reconquista, típicas ações dos cruzados que o conquistador recebeu e preservou (SÁNCHEZ ALBORNOZ, 1983, p. 104).

Mais tarde, Cortés e Montezuma entraram em um acordo no qual os mexicas retirariam os ídolos do templo, mas poderiam colocá-los em outro lugar. Com a retirada dos ídolos, os dois religiosos – Bartolomé de Olmedo e Juan Díaz – realizaram uma missa no “Templo Maior” de Tenochtitlán:

El marqués hizo hacer dos altares; uno en una parte de la torre, que era partida en dos huecos, y otro en otra, y puso en una parte la imagen de Nuestra Señora en un retablico de tabla, y en otro la de Sant Cristóbal, porque no había entonces otras imágenes; y dende en adelante se decía allí misa (TAPIA, 1988, p. 112)

Todos aqueles cultos praticados pelos mexicas eram associados a um aspecto demoníaco, denominados idolatria. Na visão dos conquistadores e, mais tarde, dos missionários, México-Tenochtitlán possuía uma abundância de ídolos demoníacos e

sacrifícios a falsos deuses (BASCHET, 2006, p. 504). Em suma, para a Igreja tudo que não fosse culto cristão era idolatria.

Com o aprisionamento de Montezuma (novembro de 1519), acusado de planejar um ataque aos espanhóis no litoral, os conquistadores e religiosos tentaram transferir, pacificamente, seus domínios ao Imperador Carlos V. Neste sentido, Cortés pensou em ordenar a conversão do *tlatoani* para que, mais tarde, pudesse instalar um culto cristão público (RICARD, 1986, p. 80).

A conversão de Montezuma seria o auge da propagação da fé cristã. Nossos cronistas não relataram seu batismo. No entanto, teorias posteriores afirmam que Montezuma morreu cristão (THOMAS, 1994, p. 366). Em nossa perspectiva, acreditamos ser inconcebível que Cortés e os outros “soldados-cronistas” não tivessem mencionado o acontecimento em tom triunfante; o mais provável foi que no momento em que lhe ofereceram os sacramentos, o *tlatoani*, agonizante, preferiu passar seus últimos minutos com seus próprios deuses (RICARD, 1986, p. 80; THOMAS, 1994, p. 451).

No início de 1520, desembarcou no litoral Pânfilo de Narváez, o capitão enviado por Diego Velázquez para punir Cortés, já que este havia partido de Cuba antes das ordens oficiais. Nesse meio tempo, vale assinalar a importante participação de Olmedo nas negociações entre os capitães.⁵ Além de aconselhar Cortés em suas decisões religiosas, o mercedário também interferiu nos assuntos políticos, pois levou as cartas do seu capitão ao litoral, ao mesmo tempo em que defendeu os interesses dele. No entanto, a falta de um acordo entre as tropas hispânicas forçou um ataque noturno por parte de Cortés.

Vitorioso, o efetivo cortesiano se deslocou às pressas para Tenochtitlán, onde os indígenas tinham se sublevado. Com a expulsão dos conquistadores da capital mexicana (*Noche Triste*, 30 de junho de 1520), os “espanhóis” se refugiaram em Tlaxcala, a principal aliada, local em que iniciaram os preparativos para uma nova investida.

Em fevereiro de 1521, uma nova tropa hispânica que desembarcou em Vera Cruz trouxe mais soldados para somar à força de Cortés. Este reforço contava com a participação

⁵ Segundo algumas indicações de Bernal Díaz, existiam pelo menos dois religiosos na tropa de Narváez: Juan de León e Ruiz de Guevara. O último clérigo chegou a ser preso pela tropa de Cortés. No entanto, devido à falta de informações, possivelmente esses religiosos retornaram a Cuba e não se juntaram, após a derrota de seu líder, ao grupo de Cortés. Para as informações contidas na *Historia verdadera* sobre esses clérigos, ver DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia verdadera de la conquista de la Nueva España**. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1976, Cap. 111-120, p. 214-233.

de duzentos homens, distribuídos em um navio (*la María*) e duas caravelas menores: “*según la necesidad que teníamos, milagrosamente nos envió Dios este socorro*” (CORTÉS, 1971, p. 121). A Ordem Religiosa Franciscana estava representada pelo frei Pedro Melgarejo de Urrea, que desempenhava, como nos conta Bernal Díaz, uma importante função:

Y vino un fraile de San Francisco que se decía fray Pedro Melgarejo de Urrea, natural de Sevilla, que trajo unas bulas de Señor San Pedro [Leão X], y con ellas nos componían si algo éramos en cargo en las guerras en que andábamos; por manera que en pocos meses el fraile fue rico y compuesto a Castilla (DÍAZ DEL CASTILLO, 1976, Cap. 143, p. 310)

Bernal Díaz, no fragmento supracitado, descreve a condição econômica em que o frei se encontrou após a conquista, resultado, sobretudo, da venda de indulgências realizada pelo clérigo entre os conquistadores. Como vimos, os “espanhóis” acreditavam na recompensa gloriosa recebida quando chegassem ao “Reino de Deus”.

Essa prática realizada por Melgarejo de Urrea talvez fosse compartilhada pelo frei Bartolomé de Olmedo, pois o mercedário chegou a ser acusado por seus inimigos de se interessar mais pelo ouro do que pelas almas (THOMAS, 1994, p. 185). No final da Idade Média, as indulgências passaram a ser vendidas por somas bastante acessíveis em muitos eventos promovidos pela Igreja (JOHNSON, 2001, p. 279).

Desde os séculos XIV-XV, sob crescente pressão financeira, vários poderes eclesiásticos como o Papado empregaram monges para vender indulgências (LOYN, 1990, p. 205). Tal comportamento era muito diferente do ideal pregado no início do medievo, quando os clérigos direcionavam o monetário oriundo das doações e do uso das indulgências para obras públicas e assistência aos pobres e enfermos (caridade).

Segundo Cortés, o frei Melgarejo de Urrea era o “*comisario de la Cruzada*” (CORTÉS, 1971, p. 167). Foi a primeira e única vez que a palavra “cruzada” apareceu nas fontes analisadas. O motivo pelo qual Cortés usou o termo “cruzada” nesse momento específico talvez seja resultado da importância que representava a chegada de uma bula papal. A guerra santa mais importante era a Cruzada, combate que provocava maior entusiasmo religioso, pois era feito com o apoio do Papado e em nome da Cristandade (ROUSSET, 1980, p. 25).

A função de um membro de uma ordem mendicante como “comissário da Cruzada” não chega a ser uma surpresa, pois desde o século XIII, franciscanos e dominicanos sobretudo, incentivados pelo Papado, contribuíam na pregação e divulgação das Cruzadas.

A Ordem Franciscana foi a primeira a desembarcar no Novo Mundo. Em Granada também, os franciscanos tinham sido os primeiros clérigos a implantar o cristianismo na terra mourisca recuperada. As lições aprendidas após 1492 foram aproveitadas na Nova Espanha (BERNAND; GRUZINSKI, 2001, p. 388).

Os encorajamentos dos clérigos, que exortavam os “espanhóis” a se manterem firmes em suas posições, também ajudou a manter o moral das tropas elevado. Desde a Idade Média, essa era uma das funções dos religiosos, pois era preciso conclamar a cada um que lute corajosamente por Deus, pela Igreja e pelo povo (DUBY, 1993, p. 173). O discurso de exortação, normalmente de um clérigo, conduzia os guerreiros medievais à comoção cruzada (COSTA, 1998, p. 164).

Tradição medieval, o uso da força para a propagação da fé cristã também era defendido por alguns pensadores medievais como Ramon Llull (1232-1316). Durante quase toda sua vida, Llull defendeu a evangelização dos infiéis através do amor e do diálogo, no entanto, a partir do século XIV, no fim de sua vida, o fracasso do esforço missionário pacífico levou-o a defender o uso da força (COSTA, 1998, p. 136).

Os conquistadores imaginavam ser inconcebível que o cristianismo – a “única e verdadeira fé” –, pudesse ser em qualquer circunstância rejeitado. Dessa forma, a guerra assumia o caráter de cruzada, muitas vezes declarada após a leitura do Requerimento.⁶

Com a vitória hispânica em 13 agosto de 1521, poucos dias após a queda da cidade realizou-se uma missa, na qual uma grande procissão seguiu a imagem da Virgem Maria e uma cruz até a colina de onde se viam as ruínas de Tenochtitlán, ao som do *Te Deum laudamus* (THOMAS, 1994, p. 584).

Conclusão:

⁶ O “*Requerimiento*” foi um documento jurídico-teológico elaborado em 1513 pelo jurista Juan López de Palácios Rubios (1450-1524). Neste documento, os “espanhóis” informavam aos nativos para que se submetessem pacificamente, abraçando a fé cristã e, caso houvesse resistência, teriam um pretexto para realizar uma “guerra justa”, na qual usariam todos os métodos bélicos conhecidos para sujeitá-los. Para mais sobre o Requerimento, ver SEED, Patrícia. **Cerimônia de posse na conquista européia do Novo Mundo (1492-1640)**. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 101-141.

Em 1523, chegaram ao território recém conquistado três franciscanos de origem flamenga enviados por Carlos V: Juan de Aroa, Juan de Tecto e Pedro de Gante. Os dois primeiros morreram rapidamente ao seguirem Cortés em uma de suas expedições pela Mesoamérica (RICARD, 1986, p. 82).

Logo depois, a Ordem Mendicante dos Franciscanos chegou formalmente à Nova Espanha (1524), representada pelos “Doze Apóstolos” que traziam para os subjugados nativos, a “Boa Nova”. Para os missionários, era a vitória do *Salvador* e do Evangelho sobre o demônio e a idolatria.

No entanto, ao final de 1524, Cortés ainda não estava satisfeito com a quantidade de religiosos que atuavam na região – uma evangelização metódica e mais organizada era imprescindível. Em sua *Cuarta Carta*, o capitão fez um pedido ao Imperador Carlos V: “*Y he enviado a suplicar a vuestra majestade, para ello, mandase proveer de personas religiosas de buena vida y ejemplo. Y porque hasta agora han venido muy pocos, o casi ningunos, y es cierto que harían grandísimo fruto*” (CORTÉS, 1971, p. 203).

Três anos após os “Doze” franciscanos, desembarcaram em Vera Cruz os dominicanos e, em 1533, os agostinianos. Os religiosos passaram a realizar batizados em massa pelos rios mexicanos, um sucesso total da mentalidade de cruzada esperado desde os primeiros missionários.

De fato, foi somente com a chegada dos missionários franciscanos (1524) que se iniciou a evangelização metódica da Nova Espanha (RICARD, 1986, p. 75).⁷ Em 1559, os franciscanos tinham um total de 80 casas e 380 religiosos; os dominicanos, 40 casas e 210 religiosos; os agostinianos, 40 casas e 212 religiosos (BOXER, 1989, p. 138-139). A *conquista espiritual* da Nova Espanha estava praticamente encerrada.

Sobre os clérigos que participaram da expedição conquistadora, Bartolomé de Olmedo não foi efetivamente o primeiro sacerdote católico a pisar em território mexicano, mas ele foi o grande precursor, e quem merece todas as glórias de primeiro “apóstolo” da Nova Espanha (RICARD, 1986, p. 81). Contudo, o mercedário foi, sem dúvida, o primeiro membro de uma ordem religiosa a desembarcar no *México Antigo*. Também, não podemos menosprezar as ações realizadas por Juan Díaz que, juntamente com Olmedo, estava

⁷ Para mais sobre a atuação das ordens religiosas na Nova Espanha, consultar a obra clássica de Robert Ricard, **La conquista espiritual de México**. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1986.

presente desde o início da campanha, assim como os esforços, em 1521, de Melgarejo de Urrea.

Durante a conquista de México-Tenochtitlán, esses pioneiros desempenharam um papel religioso importante por serem os primeiros a levarem o cristianismo aos nativos e por ajudarem os conquistadores no processo de conquista (espiritual e político). Suas práticas cruzadísticas eram vistas pelos conquistadores como fundamentais ao triunfo cristão, pois muitas vezes os “espanhóis” se viam em expressiva inferioridade numérica no campo de batalha, momento no qual o auxílio divino era importante para incentivar a tropa e inflamar o moral dos combatentes.

Referências

Fontes:

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1973.

AGUILAR, Francisco de. **Relación breve de la conquista de la Nueva España.** Edição de Germán Vázquez, **La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz...** [et al.]; Madrid: Historia 16, 1988, p. 161-206.

CORTÉS, Hernán. **Cartas de Relación.** México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971.

DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia verdadera de la conquista de la Nueva España.** México, D. F.: Editorial Porrúa, 1976.

DÍAZ, Juan. **Itinerario de la armada del rey católico a la isla de Yucatán, en la India, el año 1518, en la que fue por comandante y capitán general Juan de Grijalva.** Edição de Germán Vázquez, **La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz...** [et al.]; Madrid: Historia 16, 1988, p. 37-57.

TAPIA, Andrés de. **Relación de algunas cosas de las que acaecieron al muy ilustre señor don Hernando Cortés, marqués del Valle, desde que se determinó ir a descubrir tierra en la Tierra Firme del Mar Océano.** Edição de Germán Vázquez, **La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz...** [et al.]; Madrid: Historia 16, 1988, p. 67-123.

Bibliografia:

BASCHET, Jérôme. **A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América.** Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006.

BERNAND, Carmen (comp.). **Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años.** México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1994.

BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. **História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência europeia (1492-1550).** São Paulo: EDUSP, 2001.

BOXER, Charles R. **A Igreja militante e a expansão ibérica: 1440-1770.** Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

CASTRO SEONAE, José. **El frei Bartolomé de Olmedo. Capellán del ejército de Cortés.** México, D. F.: Jus, 1958, p. 5 *Apud* LEÓN CÁZARES, María del Carmen. **Reforma o extinción: Un siglo de adaptaciones de la Orden de Nuestra Señora de la Merced en Nueva España.** México, D. F.: UNAM, 2004, p. 26.

COSTA, Ricardo da. **A Guerra na Idade Média. Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica.** Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998.

COSTA, Ricardo da. **“Amor e Crime, Castigo e Redenção na Glória da Cruzada de Reconquista: Afonso VIII de Castela nas batalhas de Alarcos (1195) e Las Navas de**

Tolosa (1212)". In: OLIVEIRA, Marco A. M. de (org.). *Guerras e Imigrações*. Campo Grande: Editoria da UFMS, 2004, p. 73-94. Disponível em: www.ricardocosta.com/pub/amor_crime.html

DEMURGER, Alain. **Os cavaleiros de Cristo: As ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

DESCOLA, Jean. **Los conquistadores del Imperio español**. Barcelona: Editorial Juventud, S. A., 1972.

DONAT, Luis Rojas. "**La ideologia de da cruzada en la España del siglo XV**". Porto Alegre: Atas do II Encontro Internacional de Estudos Medievais (Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), v. 21, n.1/2, 1998.

DUBY, Georges. **O domingo de Bouvines: 27 de julho de 1214**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FLORI, Jean. **A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. São Paulo: Madras, 2005.

FLORI, Jean. **La guerra santa – La formación de la idea de cruzada en el Occidente cristiano**. Madrid: Editorial Trota, 2003.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Peregrinos, Monges e Guerreiros. Feudo-Clericalismo e Religiosidade em Castela Medieval**. São Paulo: Hucitec, 1990.

FRIEDERICI, Georg. **El carácter del descubrimiento y de la conquista de América**. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1973.

GRUZINSKI, Serge. **Passagem do Século: 1480-1520 – as Origens da Globalização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

LAFAYE, Jacques. **Los conquistadores**. México, D. F.: Siglo XXI Editores - oitava edição, 1991.

LEÓN CÁZARES, María del Carmen. **Reforma o extinción: Un siglo de adaptaciones de la Orden de Nuestra Señora de la Merced en Nueva España**. México, D. F.: UNAM, 2004.

LOYN, H. R. (org.). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

MAHN-LOT, Marianne. **A Conquista da América Espanhola**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

MORALES PADRÓN, Francisco. **Historia del Descubrimiento y Conquista de America**. Madrid: Editora Nacional, 1963.

PIERRARD, Pierre. **História da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1983.

RAMÍREZ CABAÑAS, Joaquín. “**Introducción**”. In: DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia verdadera de la conquista de la Nueva España**. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1976, p. XI-XXXI.

RESTALL, Matthew. **Sete mitos da conquista espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RICARD, Robert. **La conquista espiritual de México**. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1986.

ROUSSET, Paul. **História das Cruzadas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

RUNCIMAN, Steven. **História das Cruzadas**. Rio de Janeiro: Imago, 2002, 3 Vols.

SALAS, Alberto M. **Las armas de la conquista de America**. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1988.

SÁNCHEZ ALBORNOZ, Cláudio. **La Edad Media española y la empresa de America**. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica del Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1983.

SCHMITT, Jean-Claude. “**Deus**”. In: LE GOFF, Jacques ; SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval I**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2006, p. 301-317.

SEED, Patrícia. **Cerimônia de posse na conquista européia do Novo Mundo (1492-1640)**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

SOUZA, Guilherme Queiroz de. “**O maravilhoso cristão na conquista de México-Tenochtitlán (1519-1521)**”. In: RUIZ-DOMÈNEC, José Enrique; COSTA, Ricardo da (coords.). *Mirabilia* 8. La caballería y el arte de la guerra en el mundo antiguo y medieval. Diciembre 2008. Disponível em: http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num8/numero8_17.htm

THOMAS, Hugh. **La Conquista de México**. México, D. F.: Editorial Pátria, 1994.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do “outro”**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

TUCHMAN, Bárbara W. **A prática da história**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

WECKMANN, Luis. **La herencia medieval de Mexico**. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica – Segunda edición revisada (El Colégio de México), 1994.

ZAVALA, Sílvio. **La filosofía de la conquista**. México, D. F.: Colección Tierra Firme – Fondo de Cultura Económica, 1972.